

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH

Projeto de Pesquisa

As Cores da Cidadania:

Os Clubes Negros do Estado de São Paulo (1897-1952)

Equipe:

Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva (Depto. Sociologia)

Pesquisadores Associados

Profa. Dra. Lucilene Reginaldo (Depto. História)

Profa. Dra. Sílvia Hunold Lara (Depto. História)

Corpo Técnico

Dr. Humberto Celeste Innarelli (Arquivo Edgard Leuenroth)

Castorina Augusta Madureira de Camargo (Arquivo Edgard Leuenroth)

Dra. Sílvia Rosana Modena Martini (Arquivo Edgard Leuenroth)

Apoio Administrativo

Flávia Renata Peral (CECULT)

Março/2017

Resumo: Este projeto visa investigar aspectos do associativismo negro pouco estudados pela bibliografia, acerca da experiência coletiva de homens e mulheres daquele grupo social no estado paulista. Tais experiências dizem respeito à organização autônoma em associações historicamente nomeadas como sociedades beneficentes, recreativas, grêmios, sociedades, clubes (contemporaneamente denominadas *clubes sociais negros* por seus ativistas), clivadas pela diferença étnica e criadas como formas de atuação face ao preconceito e discriminação raciais enfrentados em diferentes cidades do estado ao longo de sua presença histórica naqueles contextos. Entre suas funções, destinavam-se a criar espaços de sociabilidade, auxílio, recreação, instrução, lazer, apoio mútuo e solidário aos associados negros que não encontravam lugar em instituições correlatas não-negras.

As associações destacadas para o estudo iniciam suas atividades antes de se completarem dez anos da Abolição formal da escravidão. Algumas delas atravessaram o século XX e se encontram em atividade nos dias vigentes, com suas sedes localizadas atualmente nos centros de importantes cidades paulistas. O estado de São Paulo possui o quarto clube social negro mais antigo do Brasil em atividade fundado, em Jundiaí em 1897, marco inicial para este projeto. Apesar disso, não há um número significativo de pesquisas sobre o assunto, comparado a outras regiões do país, com atividades semelhantes.

O período temporal acompanha, portanto, a fundação do clube social negro paulista mais antigo em atividade até outros fundados na metade do século XX. Transformações políticas e culturais importantes em âmbito local, estadual e nacional, bem como as modificações na própria maneira de frações do grupo social negro almejarem *um querer coletivo* têm o potencial de serem estudadas por este projeto, que se divide em eixo geral amplo acerca do debate sobre o associativismo negro e se ramifica por pesquisas individuais, visando explicitar as similaridades e diferenças nas experiências locais dos clubes sociais negros, assim como os alcances e limites de suas ações como formas de organização do grupo social negro na ordem social competitiva, no exercício e reivindicação quotidianas da cidadania e seus direitos.

Além das pesquisas individuais que incidem empiricamente sobre objetos, espaços e tempo variados, o projeto desenvolve atividades coletivas que visam a divulgação de fontes e produção de instrumentos de pesquisas acerca do associativismo negro paulista; a reprodução digital de acervos para preservar fontes em perigo e facilitar a pesquisa; e a disponibilização de informações sobre conjuntos documentais importantes para essa área de estudo.

Abstract: This project aims to investigate aspects of black associations understudied by the bibliography about the collective experience of men and women of that social group in São Paulo. Such experiences relate to autonomous organization at historically named associations and beneficent societies, recreational, fraternal groups, societies, clubs (contemporarily called black social clubs for their activists), cleaved by ethnic difference and created as forms of action against the prejudice and faced racial discrimination in different cities of the state over its historical presence in those contexts. Among its functions, there was creation of spaces of sociability, assistance, recreation, education, leisure, mutual support and solidarity to black members who could find no place in non-black related institutions.

The associations highlighted for study start their activities before the first decade of formal abolition of slavery. Some of them crossed the twentieth century and are active in the current days, with their headquarters currently located in major cities located centers of São Paulo. The state of São Paulo has the fourth oldest black social club in Brazil still active founded in 1897, on Jundiaí city, starting point for this project. Nevertheless, there is not a significant amount of research on this subject, compared to other regions of the country with similar activities.

Time boundary follows, therefore, the foundation of the oldest Paulista black social club in activity until others founded up to the mid-twentieth century. Important political and cultural transformations in the local, state and national, as well as changes in their own way to fractions of black social group crave *a collective desire* have the potential to be studied for this project, which is divided into broad general axis about the debate on the black associations and branches for individual research, aiming to explain the similarities and differences in local experiences of black social clubs, as well as the scope and limits of their actions as forms of organization of black social group in the competitive social order, exercise and daily claim of citizenship and rights.

In addition to embracing individual research projects, which focus on empirical objects, different spaces and time, the present proposal also includes collective activities aimed at disclosure of sources and production of research tools on the São Paulo black associations; digital playback of collections to preserve endangered sources and facilitate research; and the availability of information on important sets of documents for this area of study.

Palavras-Chave: Associativismo Político e Cultural Negro; Cidadania; Clubes Negros; Pós-Abolição; Memória Social; São Paulo. **Keywords:** Political and Cultural Black Associations; Citizenship; Black Societies; Post-Abolition; Social Memory; São Paulo – State.

Sumário

1. Introdução: Associativismo e Cidadania Negra.....	4
1.1. O associativismo negro como objeto de estudos	4
1.2. Sociedades, grêmios, associações beneficentes e clubes sociais negros	9
2. Procedimentos de Pesquisa e Resultados Esperados	11
2.1. Os clubes negros do estado de São Paulo: objeto da pesquisa	11
2.2. Pesquisa Individuais	17
<i>a) Os sentidos da associação: a ideia de associativismo e os clubes sociais negros do estado de São Paulo (1897-1952)</i>	<i>18</i>
<i>b) Homenagens eletivas: os clubes negros, o movimento negro e os heróis da Abolição e da luta contra a escravidão</i>	<i>19</i>
<i>c) Irmãos de cor em outros cenários: irmandades e associativismo negro em Campinas (1903-1930)</i>	<i>20</i>
2.3. Projetos Coletivos – Procedimentos de Pesquisa	21
<i>Reconstituição e preservação digital de acervos documentais.....</i>	<i>22</i>
3. Resultados Esperados	24
4. Cronograma de Atividades e Uso das Bolsas Solicitadas	26
5. Bibliografia	27

1. Introdução: Associativismo e Cidadania Negra

1.1.O associativismo negro como objeto de estudos

A ideia de um *associativismo negro* ocupou parte do debate das ciências sociais brasileiras, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre os anos 1930 e 1980, através de artigos, teses e livros. Inquiria-se especialmente os sentidos da organização coletiva negra, tomando-se por base o período temporal após a Abolição, preocupando-se em particular com a construção coletiva de significados da cidadania e seus direitos na República para aquele grupo social. Tais ideias têm sido revisitadas criticamente por estudos mais recentes, dialogando com pesquisas especialmente da História.

O texto do antropólogo Arthur Ramos pode ser considerado um ponto de partida para esta discussão, no âmbito das ciências sociais. Por ocasião do Cinquentenário da Abolição, em 1938, Ramos escreveu sobre o que denominou por “O Espírito Associativo do Negro Brasileiro”. Com proposições importantes, o autor tratou o assunto como um produto da escravidão, em que os africanos trazidos para cá, como sujeitos de culturas variadas, carregaram consigo tais matrizes, que se misturaram solidariamente face ao subjugo comum, iniciado no trânsito atlântico, dentro dos navios negreiros¹, explicando, para ele, a formação dos diferentes *quilombos*, a partir do século XVI; das *irmandades e confrarias religiosas*, no século XVII; os processos de alforria como fruto de *solidariedade escrava* e mesmo os grupos de *cordões*, blocos carnavalescos a partir do século XIX; atingindo *associações negras* ou mesmo a *Frente Negra Brasileira*, no século XX, organizações herdeiras dos processos anteriores e formas solidárias distintivas, naquele momento, para o grupo social negro entender as recusas de oportunidades e reivindicar seus direitos como cidadãos.

Em 1945, a socióloga Virgínia Leone Bicudo apresentou sua tese *Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* constituindo-se o primeiro trabalho de pós-graduação em ciências sociais sobre a questão racial no Brasil (Bicudo, 2010; Gomes, 2013). Bicudo preocupa-se em entender o preconceito e a discriminação racial

¹ “[...]o Negro não foi introduzido no Brasil, e em outras partes da América, como um elemento humano isolado, mas como o representante de um grupo de cultura. Grupo de cultura que não pôde ser mantido puro, em virtude da condição da escravidão.[...] Estas três condições do escravo, ser propriedade de outrem, não possuir direitos políticos, ser obrigado ao trabalho compulsório, alteraram por completo os seus agrupamentos naturais, no caso do Negro africano.[...] Já no navio negreiro, onde se misturavam negros provenientes dos pontos mais diversos, e pertencentes a povos e culturas desiguais, houve uma solidariedade na dor, uma associação no sofrimento, por uma compreensão mútua do destino comum.[...] Nas plantações, nos engenhos e nas fazendas, na mineração ou nos trabalhos de ganho, na cidade, grupos e associações negras se formaram também condicionados pela escravidão.[...] Libertos, os negros adquiriram o hábito de trabalharem em associações. Surgiram assim os grupos de trabalho nos campos e nas cidades[...] Depois da escravidão, até hoje, o Negro brasileiro conservou este espírito de associação, que o regime escravagista lhe havia acentuado como necessidade de defesa”. Cf. Ramos, 1938: 106, 107, 114 e 123 respectivamente.

sofridos pelo grupo negro na capital paulista, por meio das diferentes formas de interação social (no ambiente escolar, no passeio público, a sociabilidade em clubes, nas relações afetivas e matrimoniais, no ambiente de trabalho etc.), valendo-se da cidade como um laboratório para o estudo dessas relações, conflitivas e também negociadas.

Bicudo, doutro lado, também se ocupou das reações coletivas, entrevistando membros de uma “Associação de Negros Brasileiros” e analisando seu jornal, denominado “Os descendentes de Palmares”. Ambos os nomes eram fictícios: a associação era a Frente Negra Brasileira (FNB, 1931-1937), e o periódico analisado por Bicudo *A Voz da Raça*, o que a faz a primeira cientista social a pesquisar a FNB. Desta forma, para Bicudo, uma das *atitudes coletivas* de reação ao preconceito e a discriminação do cidadão negro, em São Paulo, teria sido a criação de *uma associação negra*, de sociabilidade cultural, política e recreativa como a Frente Negra Brasileira.

Ainda no âmbito da sociologia paulista, em 1951, Roger Bastide publicou um estudo sobre “A imprensa negra do estado de São Paulo” (Bastide, 1973: 129-156), trabalho que se tornou referência para pesquisas sobre o tema. A proposta do autor foi estudar a imprensa negra paulista como uma forma de entender a “consciência coletiva do negro”, que se organizara no começo do século XX em torno de clubes e associações “da raça”. O marco temporal de Bastide é 1915 (com a publicação de *O Menelick*) até o começo dos anos 1950, tomando como base os jornais a que teve acesso com intelectuais negros da capital paulista.

Os jornais foram entendidos como uma forma organizativa do grupo social negro, vocalizada e auto sustentada por meio de seus intelectuais e associações, que teriam múltiplas funções: noticiar fatos diversos, divertir-se, normatizar o comportamento da coletividade, suscitar e almejar uma imagem pública para o negro, conferir autoestima e mostrar um padrão compatível com os valores da sociedade envolvente. Mas também progressivamente denunciar o preconceito e a discriminação vividos no cotidiano.

O associativismo político negro em São Paulo – e também no interior do estado – mesmo perseguido durante o Estado Novo, manteve-se atuante e incômodo para alguns setores sociais (Duarte, 1947)², explicando parcialmente a gênese da Pesquisa

² Ali, Duarte afirmava que começava a surgir um tipo diferente de negro, distinto daquele das memórias das pessoas mais velhas: o negro bondoso, das amas de leite de infância. Para ele, um dos produtos do governo Vargas de 1932 e do Estado Novo foi a criação de algo que inexistia no Brasil: o *problema do negro*, que passou ser reivindicado pelos ativistas negros de então. Dentre outras passagens, o autor afirma no artigo de 16 de abril, que: “No Brasil está acontecendo o contrário [dos Estados Unidos]: o negro aparenta o desejo de separar-se do branco. Já na revolução de 1932, fizeram eles questão de um batalhão negro; nas suas sociedades negras só excepcionalmente pode entrar um branco e é comum a gente estar ouvindo organizações artificiais e sem a menor justificativa, como frentes negras, legiões negras etc.[...]”.

Unesco de Relações Raciais (1951-1955). A parte que coube a São Paulo contou com os trabalhos de pesquisa de Roger Bastide, Florestan Fernandes, Virgínia Bicudo, Aniela Ginsburg e Oracy Nogueira, publicados em relatório.

Os livros *Branços e Negros em São Paulo* (1955, de Bastide e Fernandes) e *A integração do negro na sociedade de classes* (1964, de Fernandes) são fruto daqueles trabalhos dos anos 1950. Importante destacar que ambos os trabalhos não teriam sido possíveis sem o apoio do associativismo negro, expresso por meio das reuniões organizadas pelos sociólogos na Faculdade de Filosofia e Biblioteca Mário de Andrade, para onde convergiram Jorge Prado Teixeira, Raul Joviano do Amaral, José Correia Leite, Arlindo Veiga, Guaraná de Santana, Geraldo Campos de Oliveira, Henrique Cunha etc. representando coletivos negros como a Associação José do Patrocínio, Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a Frente Negra Brasileira (já extinta pelo Estado Novo), Associação dos Negros Brasileiros, diversas experiências de jornais da imprensa negra entre outros.

No primeiro trabalho, em dupla, a progressiva consciência acerca do preconceito e discriminação, baseada na *cor* e/ou no *status* legado pela condição de descendentes de escravizados seria o fermento necessário para que um conjunto de homens e mulheres negros se articulasse em torno de jornais, clubes, associações etc. Já no segundo texto, valendo-se dos dados dos anos 1940 e 50, Fernandes aprofundou aquele debate, sendo incisivo acerca da denúncia do *mito da democracia racial*.

A “questão racial” opera como um limite objetivo para a realização democrática brasileira, nas análises de Fernandes, anguladas pelo associativismo negro paulistano desde os anos 1920 até meados da década de 1960. Homens e mulheres, alguns autodidatas, outros com pouca ou média instrução formal, funcionários públicos ou empregados no setor de serviços, raros com nível superior de educação. Como afirmaria décadas depois o historiador George Reid Andrews, pessoas que em sua luta social cotidiana, conseguiriam se organizar, tentavam *viver numa democracia racial*, empenhando-se em fazer com que ela valesse efetivamente (Andrews, 1998:197-242).

No âmbito também do Projeto Unesco, destaca-se a pesquisa de Luiz Aguiar de Costa Pinto, sobre *O Negro no Rio de Janeiro* (Costa Pinto, 1998:213-270). De maneira muito próxima ao trabalho de seus colegas paulistas, o autor se ocupou do negro na ordem social competitiva e dedicou-se, dentre outros aspectos, ao que ele chamou de *associações negras de novo tipo* e as de caráter mais tradicional. No primeiro plano, encontram-se as discussões sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN, criado em 1944), liderado por Abdias do Nascimento. No segundo caso, além das irmandades religiosas negras (como a do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos), das

escolas de samba, dos terreiros de candomblé da cidade do Rio, o pesquisador voltou sua atenção à União dos Homens de Cor (UHC). Costa Pinto seria criticado por aspectos de sua análise por Abdias Nascimento em *O Negro Revoltado* (1968).

O golpe de estado civil-militar de 1964 criou um intervalo forçado na forma de estudar o associativismo negro visto até aqui, especialmente aquele informado pela chamada Escola Paulista de Sociologia (Florestan Fernandes, Fernando H. Cardoso, Octavio Ianni e outros). Igualmente houve um divórcio do associativismo negro paulistano e a sociologia universitária, separação que se manteve entre 1964 e 1978, por meio de velhos e novos militantes que fundaram organizações como Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan, 1974), Movimento [Negro] Unificado contra a Discriminação Racial (MUCDR, posterior MNU, 1978) ou os Cadernos Negros (1978), sobre os quais não se tratará aqui (Silva, 2013).

Contudo, nos anos 1980, um novo conjunto de estudos nas ciências sociais, orientado por remanescentes ou próximos da Sociologia uspiana de décadas anteriores, retomou temas e questões relativos à forma de estudo do associativismo negro. Destacam-se os trabalhos de Ferrara (1986) que atualiza o trabalho de Bastide, tanto temporal como tematicamente, propondo uma discussão mais aprofundada sobre o racismo e a presença de ideias sobre África na imprensa negra paulista através dos jornais da coletividade negra. Junto com o sociólogo Clóvis Moura, que já havia feito um pequeno balanço sobre associações negras em São Paulo (Moura, 1983:143-175), ela se responsabilizou por coletar os jornais com os antigos intelectuais negros e microfilmá-los, através da Biblioteca Mário de Andrade.

Ieda Britto (1986) sugeriu em seu trabalho uma interessante discussão sobre os sentidos da sociabilidade atribuídos pelos migrantes negros do interior de São Paulo para a capital, fundamentalmente pobres e da classe trabalhadora, condensando-se especialmente em bairros como Glicério, Barra Funda, Bixiga, de onde saíram clubes de futebol como o São Geraldo, os cordões como Camisa Verde e Branco, Cai-Cai (posteriormente conhecido como Vai-Vai). Vale destacar que *os cordões* eram entendidos como associações recreativas de lazer da classe trabalhadora negra, pouco estudadas até então, bem como aquela classe, seccionada pelo caráter étnico e seu lazer. Também no trabalho de Britto se apresenta a conexão entre lazer e religiosidade, seguindo uma pista apontada por Mário de Andrade (1937), nos anos 1930, ao se tratar de samba e romarias para Pirapora do Bom Jesus por aqueles homens e mulheres negros (Santos, 1998).

O estudo de von Simson (2007) se deteve também sobre o lazer na cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e, particularmente, para os negros, entre 1914 e 1960,

marcando temporalmente a criação do cordão Grupo Carnavalesco Barra Funda por Dionízio Barbosa e as modificações do samba em São Paulo, dando origem às *escolas de samba*. De cordão a escola, o que se passou com as associações recreativas negras? Quem são seus membros e que conexões possuíam com outras formas associativas do negro paulista, como os jornais e clubes? Valendo-se de entrevistas com os remanescentes da criação dos primeiros cordões, a autora procurou responder a essas questões.

Também ao final dos anos 1980 se realizou a pesquisa de Regina Pahim Pinto, sobre a Frente Negra Brasileira, que resultou na tese *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*, defendida na USP (Pinto, 1993). Aqui se tem uma crítica *por dentro* da forma como os intelectuais uspianos (em particular, Fernandes) estudaram a FNB, vista como uma organização conservadora, orientada pelos valores monarquistas e autoritários de seu líder Arlindo Veiga dos Santos. Pahim Pinto sugere outra leitura, utilizando fundamentalmente o jornal *A Voz da Raça* como fonte para discussão de sentidos alternativos construídos no cotidiano dos negros organizados de São Paulo.

Se até aqui os estudos sobre o associativismo negro foram majoritariamente realizados por cientistas sociais, é importante mencionar a contribuição crítica realizada por historiadores, que trataram dos *mesmos objetos*, entre o final dos anos 1990 e a década de 2000. Frisamos o fato de focalizar os mesmos objetos por não remeter diretamente aos estudos realizados e orientados por historiadores – em particular da Unicamp, como Robert Slenes, Célia Azevedo, Sidney Chalhoub, Silvia Lara etc. – de crítica às análises da Escola Paulista de Sociologia sobre a ideia de *transição* do trabalho escravo ao livre e mesmo ao período difuso chamado de *Pós-Abolição* pelos sociólogos.³ Esta crítica, necessária, antecede o tema enfocado aqui e não será abordada.

De modo geral, essas pesquisas históricas demarcaram algumas mudanças nos estudos recentes sobre o associativismo negro. Vários estudos têm voltado a atenção para diferentes práticas no cenário do associativismo, particularmente em relação aos clubes negros, questionando a sobrevalorização do ativismo político nas investigações sobre estas entidades. Ainda que as atividades de cunho cultural e recreativo tenham sido observadas pelos estudiosos desde as primeiras investigações sobre o tema, as atividades e organizações de cunho político mereceram maior destaque e prestígio.

Assim, algumas associações e sociedades negras puderam ser citadas de maneira circunstancial pelos cientistas sociais, tendo seus nomes mencionados como espaços de encontro e sociabilidade de ativistas, intelectuais ou outros membros do associativismo

³ Entre as pesquisas orientadas por alguns dos pesquisadores citados acima, destacam-se: Maciel, 1985; Silva, 2001; Tiede, 2006.

negro paulista. Ou ainda como sociedades de fruição e de festividades, em que ocorreriam encontros de diferentes grupos geracionais negros apenas, apesar de ainda persistirem na paisagem das cidades, alguns se mantendo em atividade nos dias correntes e haver uma militância em torno de si. Notadamente orientados pelas perspectivas de uma história social atenta aos múltiplos espaços da experiência política (Thompson, 1987) e à importância das “pequenas vitórias” (Lara, 1995), os historiadores procuraram entender as experiências das sociedades negras ao largo das antigas hierarquias da consciência política.

A emergência destas perspectivas na historiografia brasileira se deu num contexto específico, entre o final dos anos 1990 e 2000, marcado por mudanças mais gerais no tocante aos estudos sobre os significados da liberdade no pós-abolição⁴. Certamente, um dos mais notáveis impactos destes estudos foi a inclusão das experiências dos trabalhadores negros e suas diferentes formas de organização na história do trabalho (Lara, 1998). Assim, mais tardiamente que os sociólogos, os historiadores passaram a tematizar o racismo e o movimento negro como objetos e problemáticas de suas pesquisas. No seu conjunto, é possível reconhecer uma contribuição específica dos novos estudos, pautados na investigação de casos precisos acerca de diferentes significados conferidos à experiência negra, particularmente as suas práticas de associativismo, no Brasil⁵. Ou em casos internacionais, o que oferece uma excelente possibilidade comparativa (ver, entre outros: Geler, 2010; Gortázar, 2006: 109-123; Pignot, 2010: 837-862; Skocpol, 2006).

1.2.Sociedades, grêmios, associações beneficentes e clubes sociais negros

No âmbito da História, as novas pesquisas sugerem que trabalhadores negros criaram essas organizações para se protegerem enquanto trabalhadores e da discriminação racial, ainda, segundo alguns autores, os estudos sobre as experiências associativas permitem compreender a luta por direitos de cidadania dos negros (Almeida, 2003; Arantes, 2005; Batalha, 2006; Chalhoub, 2001; Cruz, 2006; Cruz, 2010). Assim, a partir deste ponto, serão apresentados alguns estudos acerca de associações negras, em diferentes localidades, em que *a denominação contemporânea*

⁴ Há importantes trabalhos que ajudaram a definir o novo campo e enfoque de investigações sobre os significados e experiências da liberdade no pós-abolição, levando em conta a condição precursora do primeiro e os impactos provocados pelos últimos, destacamos três deles: Mattos (1995), Fraga (2006); Albuquerque (2009).

⁵ Podem-se destacar ainda os estudos sobre a Frente Negra Brasileira, feito por Petrônio Domingues (2005) em *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)* ou o trabalho de Ana Flávia Magalhães Pinto (2010) sobre *A imprensa negra no século XIX*, revisitando e ampliando o escopo sobre os *mesmos objetos* anteriormente tratados pelos cientistas sociais.

*clube social*⁶ (sociedades beneficentes, clubes sociais, grêmios recreativos, etc.) passa a figurar na bibliografia recente.

A tese de Beatriz Ana Loner é uma das pioneiras em incluir a análise das organizações negras nos estudos sobre associações mutualistas operárias. Seu trabalho consiste em estudar a formação da classe operária nas cidades de Rio Grande e Pelotas, ambas no Rio Grande do Sul, a partir da experiência da vida associativa na Primeira República. Para ela, o surgimento de associações negras nas duas cidades está ligado à luta de abolicionistas negros, que durante suas campanhas tinham “claro que o processo de extinção da escravatura deveria dar-se de forma a promover a integração do negro na sociedade como trabalhador livre, como operário, o que seria um avanço real, dada a situação de marginalização e opressão que recaía sobre o elemento negro liberto” (Loner, 1999).

Fernanda Oliveira da Silva também pesquisou a vida associativa de Pelotas, mas focou somente nas associações negras, fossem elas recreativas, beneficentes ou carnavalescas, entre 1820 e 1943. Seu objetivo foi compreender a importância dessas organizações na formação de “*uma identidade negra positiva*”. Por meio de registro de atas das associações de representação política, recreativas, esportivas e beneficentes, depoimentos orais e jornais da época, como *O Alvorada*, revelou que havia um intenso diálogo entre os membros dos clubes da cidade de Pelotas (Silva, 2011).

Em outras pesquisas sobre as sociabilidades dentro de clubes negros também são considerados aspectos relacionados à formação de identidades. Ainda no Rio Grande do Sul, especificamente na cidade de Caxias do Sul, o Sport Club Gaúcho foi fundado como um time de futebol, que também realizava bailes e festas, tornado-se posteriormente sede de uma escola de samba, *Os Protegidos da Princesa*. A trajetória deste clube foi estudada por Fabrício Romani Gomes (2008), entre os anos de 1934 e 1988.

Joselina da Silva e Sonia Maria Giacomini tiveram como objeto de pesquisa o Renascença Clube do Rio de Janeiro. Ambas mostraram que havia práticas culturais e sociais similares ao do clube do sul mencionado antes, e que também foi promotor e impulsionou a formação de identidades. Enquanto a primeira apresenta em seu estudo uma pluralidade de identidades, que “servem para pensar as diferentes identidades negras manifestas em um mesmo espaço geográfico e que se diferenciam através dos tempos históricos e sociais” (Silva, 2000: 113), a segunda procura entender as transformações e negociações destas identidades. As autoras concordam que essas

⁶ Existe um *movimento clubista negro* na atualidade, que a partir de seus militantes e pesquisadores (como Oliveira Silveira e Giane Vargas) denominam esses espaços de sociabilidade negra, de diferentes épocas, como *clubes sociais negros*.

identidades convergiam quando seus membros buscavam melhorias para a situação dos negros.

Maria das Graças Maria (1997), Bernadete Orsi (1999), Janaina Nailde Silveira (2000) e Mariléia Simiano (2002) também tratam da diversidade de projetos e experiências em clubes negros. A pesquisa de Julio César da Rosa destaca as experiências de dois clubes negros nos quais as identidades foram usadas para reforçar as diferenças (Rosa, 2011). Na cidade de Laguna, em Santa Catarina, foram fundados a Sociedade Recreativa União Operária e Clube Literário Cruz e Souza, em 1903 e 1906 respectivamente, sendo que o segundo surgiu de uma cisão do primeiro.

Além da formação de identidades e a construção de espaços de promoção social de certos grupos, as experiências de associações negras também têm permitido questionar “a crença na completa impossibilidade de participação política dos trabalhadores” na Primeira República, que “seria ainda mais marcante no caso de negros e pardos” (Pereira, 2013: 97-116), como aponta Leonardo Pereira que chama a atenção para a importância destes espaços de lazer na luta pela cidadania.

O estudo de clubes negros no estado de São Paulo permitirá estabelecer comparações com pesquisas de outros estados do país, entender as relações sociais construídas no pós-Abolição, bem como as suas tensões e negociações, debater a formação da identidade negra através da sua pluralidade, reconhecer os aspectos da luta dessas pessoas, apreender suas sociabilidades e compreender os sentidos de suas ações dentro do contexto em que viveram.

2. Procedimentos de Pesquisa e Resultados Esperados

2.1.Os clubes negros do estado de São Paulo: objeto da pesquisa

O Parecer Técnico do Grupo de Estudos de Inventário (GEI), submetido em 2013 ao Condephaat para subsidiar um pedido de estudo de tombamento dos Clubes Sociais Negros Paulistas (Silva, Ungaretti e Caporrino: 2013) foi o ponto de partida para elencar e selecionar as agremiações que serão objeto de análise nesse projeto (Marques, 2014). Foram apresentados no pedido 22 clubes em 21 cidades do estado de São Paulo, nem todos ativos nos dias de hoje⁷.

O pedido de estudo para fins de tombamento partiu da Comissão de Clubes Sociais Negros do Estado de São Paulo, que explicitou ao órgão da Secretaria Estadual de Cultura a existência das associações e a localização de algumas das entidades ainda

⁷ Mário Medeiros, à ocasião técnico da equipe do GEI e co-autor do parecer técnico tornou-se professor do IFCH-UNICAMP em fevereiro de 2014.

em atividade, solicitando ações de políticas públicas e produção de conhecimento acerca daquelas entidades. Entre as propostas do estudo de tombamento se indicava a necessidade de realização de estudos histórico-sociológicos acerca dos clubes paulistas, uma vez que a bibliografia e a produção de conhecimento sobre eles era exígua, apesar da longevidade. Parte do que foi proposto por aquele estudo de tombamento é agora objetivado por este projeto de pesquisa.

Os três clubes sociais negros paulistas mais antigos e ainda ativos estão localizados em **Jundiaí** (Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro, criado em 1897), **Piracicaba** (Sociedade Beneficente Treze de Maio, criada em 1901) e **São Carlos** (Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, criado em 1928). Além deles, a equipe responsável pela elaboração do Parecer entrou em contato e visitou outros quatro clubes, situados em **Bragança Paulista** (Clube Recreativo Beneficente 13 de Maio, criado em 1934), **Bauru** (Clube Recreativo Icaraí, criado em 1945), **Campinas** (Centro Cultural Recreativo Benedito Carlos Machado, criado em 1945) e **Sorocaba** (Clube 28 de Setembro, também criado em 1945). À exceção do clube de Bauru, todos se encontram ainda em funcionamento, embora enfrentem muitas vezes dificuldades para manterem suas respectivas sedes e atividades.

A maior parte deles possui acervos documentais, em suas sedes, compostos por fontes textuais e iconográficas em diversos estados (geralmente precários) de preservação. Mais recentemente, a historiadora Lívia Tiede, doutoranda sob a supervisão de Lucilene Reginaldo, visitou a Sociedade Beneficente e Recreativa Princesa Isabel, criada em 1952, localizada em **Batatais**. Willian Lucindo, doutorando sob a supervisão de Silvia Lara, tem localizado fontes guardadas pela Sociedade Beneficente Treze de Maio, em **Piracicaba**, e outras associações localizada em **Campinas**. E Pedro Picelli, estudante de graduação, supervisionado por Mário Medeiros, pesquisa a existência e os documentos da Sociedade Beneficente e Recreativa José do Patrocínio e Associação Beneficente Cultural Recreativa Tamoio, ambas em **Rio Claro**⁸.

⁸ Os técnicos do Condephaat não conseguiram dados sobre a continuidade de atividades (nem sobre a existência de acervos documentais) de pelo menos 14 outras associações que haviam sido listadas na demanda que deu origem ao processo de tombamento junto ao Condephaat, a saber: Associação Instrutiva e Recreativas José do Patrocínio (**Salto**); Centro de Atividades de Referência Afro-Brasileira – CARAB (**Matão**); Clube Sete de Setembro (**Itatiba**); Sociedade Beneficente e Recreativa José do Patrocínio (**Rio Claro**); Associação Beneficente Cultural Recreativa Tamoio (**Rio Claro**); Clube Estrela do Oriente (**Barretos**); Clube José do Patrocínio (**Bebedouro**); Clube Aristocrata (**Jaú**); Clube Recreativo Limeirense (**Limeira**); Clube José do Patrocínio (**Ribeirão Preto**); Associação Rio Pretense (**São José do Rio Preto**); Clube José do Patrocínio (**Bebedouro**); Clube Tietê (**Tietê**); Clube 13 de Maio e Salgueiro (**Tupã**). Além disso, foi noticiado recentemente a reativação do Aristocrata Clube (**São Paulo**), criado em 1960 e sobre o qual foi realizado, em 2004, o documentário, *Aristocrata Clube* de Aza Pinho e Jasmin Pinho. Há ainda uma tese sobre o Aristocrata, feita por Reinaldo Soares (2004).

É difícil tratar de todas essas associações de uma só vez, assim como enfrentar de imediato o desafio de colher dados sobre entidades que até agora não puderam ser localizadas. Além disso, apesar de existir uma bibliografia recente, apresentada anteriormente, que trata de associações negras como estas em outros estados, os estudos sobre os clubes de São Paulo são ainda em menor número, mesmo sobre os mais antigos, o que também justifica a realização desse projeto.

O Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiense 28 de Setembro é o quarto clube social negro mais antigo do Brasil e o primeiro, em atividade, mais velho de São Paulo. Apesar disso, não localizamos nenhum trabalho de pesquisa a seu respeito ou informações mais sistematizadas que as entrevistas realizadas por Adda Ungaretti e Mário Augusto M. da Silva, técnicos do Condephaat, com alguns de seus associados em 22 de maio de 2013. (Silva, Ungaretti e Caporrino: 2013).

O 28 de Setembro de Jundiaí foi criado em 1897. Alguns documentos descobertos recentemente, segundo seus sócios atuais, comprovam a intenção de criá-lo já em 1895. Seu primeiro nome foi Clube 02 de abril. A origem desta primeira denominação não é bem conhecida pelos sócios entrevistados. A constância da entidade 28 de Setembro está ligada à expansão da ferrovia paulista em Jundiaí e, especialmente, à necessidade de assistência aos ex-escravizados e libertos, após oito anos da Abolição formal. Daí seu caráter beneficente, com auxílio médico, funeral, educacional etc. Seu nome atual remete duplamente à data da Lei do Ventre Livre (de 28 de setembro de 1871) bem como ao Dia da Mãe Negra. A sede do Clube data de 1946. Sob a presidência de Benedito de Paula, os trabalhadores negros ferroviários da Paulista construíram o edifício num terreno doado pela Prefeitura.

Sobre a **Sociedade Beneficente Treze de Maio de Piracicaba** existe o trabalho da historiadora Eliana Tadeu Terci que, no final dos anos 1980, participou de uma pesquisa sobre a presença negra no município, gerando o relatório *A Fala, o texto e a imagem negra na região de Piracicaba* e a publicação *Sociedade Beneficente 13 de Maio: Memória e Cidadania*, bem como um acervo de fotografias e um pequeno vídeo gravado com cidadãos negros na década de 1980 (Oliveira e Terci, 1991).

Ali são narradas as origens do Treze de Maio a partir da antiga Sociedade Antonio Bento, primeiro nome do clube fundado em 1901 e criado por cidadãos negros para comemorar a data da Abolição. Funcionando em diferentes espaços, até construção da sede, o clube abrigou (ou teve entre seus membros envolvidos com), entre os anos 1930 e 1950, escolas para alfabetização de adultos, escola de música (Curso Musical Luiz Gama), uma *jazz band* (Jazz Band Luiz Gama) e ainda dois jornais da imprensa negra paulista: *O Patrocínio* (1928-1930) e *Nosso Jornal* (1958-1960). Entre os anos

1930 e 1960, a Sociedade também manteve eventos de futebol, com partidas de “Branco x Pretos”, chegando a haver dois times negros em Piracicaba: o **28 de Setembro Futebol Clube** [anos 1930] e o **Madureira Futebol Clube** [anos 1950], sendo este último ligado diretamente à Sociedade Treze de Maio, formado pelos associados. (Silva, Ungaretti e Caporrino: 2013).

Sobre o **Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio de São Carlos**, fundado em 04 de maio de 1928, há os estudos de Márcio Macedula Aguiar (1998; 2007). De acordo com este autor, o Flor de Maio originou-se de um grupo de ferroviários da Cia. Paulista que, discriminados em outros clubes da cidade, sentiram necessidade de criar um local próprio à sociabilidade entre os seus. Receberam apoio da própria Companhia para tal fim. O Clube foi idealizado pelo senhor Alfredo Gonçalves, negro e ferroviário, para que houvesse um espaço para diversão negra em São Carlos. O Clube teve várias sedes, sempre alugadas. Somente nos anos 1940, o prefeito (Luiz Augusto de Oliveira) doou o terreno para construção da sede. Os fundadores do Flor de Maio criaram a instituição por não poderem participar do São Carlos Clube ou do Dante Alighieri e a companhia ferroviária doou ao Clube tacos de madeira. Por esta razão, o desenho do seu piso se assemelha ao traçado de trilhos de ferro.

Sobre o **Clube Recreativo Cultural Benedito Carlos Machado**, de Campinas, pouco se sabe. Nenhuma bibliografia específica foi encontrada, sendo necessário recorrer a trabalhos que procurem mapear a presença do grupo social negro na cidade. Para tanto, existe um bom livro de referência, do historiador Cleber da Silva Maciel (1987), cujo mestrado tratou de *Discriminações Raciais: negros em Campinas (1888-1921)*. De seu livro, podem-se extrair informações contextuais sobre a dinâmica social do município e o associativismo negro, que ajudam entender as condições sociais e históricas para existência de um clube social como o Benedito⁹.

Vistoriando a sede do Clube e conversando com sua diretoria, os técnicos gravaram uma pequena entrevista, permitindo reconstruir aspectos da história da associação. Nesta ocasião, os senhores Márcio Roberto do Carmo (presidente) e Valdir

9 Nessa condição, podem-se citar, a partir do trabalho de Maciel, as seguintes sociedades e entidades negras campineiras: *Flor da Mocidade* (antes de 1888-1920); *Filha de Averno* (1888-1895); *Sociedade Beneficente Luiz Gama* (1888-1890); *Sociedade 13 de Maio* (1890-1898*); *Violeta* (1895); *Estrela do Oeste* (1895); *Sociedade Beneficente Isabel, a Redentora* (1899-1926); *Sociedade Dançante Familiar União da Juventude* (1901-1922); *Federação Paulista dos Homens de Cor* (1902-1925*); *Centro Recreativo Dramático Familiar 13 de Maio* (1909-1919); *Filhos do Progresso* (1910-1918); *Elite* (1912); *Liga Humanitária dos Homens de Cor* (1915-1929*); *Sociedade União Cívica dos Homens de Cor* (1915-1917*); *Grêmio Recreativo Dançante Estrela Celeste, Estrela do Norte, Clube Recreativo 28 de Setembro* (1916-1917); *Grêmio Recreativo Dançante Familiar José do Patrocínio* (1917-1925*); *Liga Protetora dos Homens de Cor* (1917-*); *Alliados* (1918-1923); *Associação Protetora dos Brasileiros Pretos* (1918-1928); *Grêmio Dramático Luiz Gama* (1919-1923); *Excêntricos* (1919); *Centro Cívico dos Homens de Cor, Sociedade Campineira dos Homens de Cor, Associação Campineira dos Homens de Cor* (1922-1923); *Centro Cívico Palmares* (1926). Maciel (1987: 74-81)

de Oliveira (vice-presidente) foram os principais informantes da trajetória da associação. De acordo com o senhor Valdir, o Clube foi criado em 08 de maio de 1945. A área da sede foi comprada por um grupo de pessoas da comunidade negra. A origem da associação está relacionado ao fato de que havia muitas dificuldades de negros serem aceitos como sócios de outros clubes. Alguns sócios-fundadores eram membros da FEB – Força Expedicionária Brasileira –, lutaram na Itália e, com suas economias, compraram o espaço da sede, em 1945.

Sobre a **Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro de Sorocaba**, os técnicos do Condephaat informaram a mesma dificuldade de pesquisa documental que em outros clubes já mencionados. Há trabalhos que tratam da presença negra no município desde o século XVII (Almeida, 2002; Cavalheiro, 2007) e que igualmente explicitam as dificuldades das fontes. Cavalheiro, no entanto, afirma que: “Em Sorocaba, por exemplo, é corrente a história de que o Clube 28 de Setembro foi fundado porque os negros não podiam frequentar os bailes de outros clubes. O mesmo ocorreu em Porto Feliz, onde a comunidade negra construiu o Clube Luiz Gama, ou Sedinha, como ficou conhecido.”

Segundo Márcio Santos, membro do clube, entrevistado pelos técnicos do Condephaat, a origem da Sociedade 28 de Setembro de Sorocaba está atrelada à organização da Frente Negra Brasileira (1931-1937) no município. Nos anos 1940 era uma região afastada do centro da cidade; hoje, encontra-se em seu perímetro. Houve uma doação de tijolos por parte da Companhia Nacional de Estamparia (Cianê), que possibilitou a autoconstrução da sede pelos membros do Clube. A ocupação dos fundadores da Sociedade 28 de Setembro divide-se entre trabalhadores da Cianê e da Companhia Estrada de Ferro Sorocabana.

Sobre Bragança Paulista afirma-se que, caso ainda estivesse em atividade, este município teria sediado o segundo clube negro mais antigo do Brasil: o Clube dos Escravos (1881-1886)¹⁰. Depois de 1886, ao que parece, ocorre um vácuo em termos de

¹⁰ De acordo com a página dos *Clubes Sociais Negros do Brasil*, com informações fornecidas por membros do atual clube negro da cidade: “[...] jornais do Brasil inteiro, incluindo aí grandes periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo, noticiaram os fatos com imenso destaque em suas primeiras páginas. Entre as principais atividades mantidas pelo “CLUBE DOS ESCRAVOS”, destacou-se a criação de uma escola primária para escravos, trabalhos para a extinção da escravatura em todo o Brasil e a facilitação da fuga das fazendas. Esta extinta Associação ficava localizada na Rua Santa Clara entre as Ruas Dr. Cruz e Nicolino Nacaratti (ponto central da cidade). Relatos da época dizem que cerca de 40 escravos frequentavam a escola. Um lampião de querosene permitia que as aulas fossem realizadas no período noturno.[...] Como era de se esperar, escravocratas, autoridades e a sociedade de maneira geral, não aprovavam a idéia do Clube, que numa noite foi atacado pela polícia e após 05 (cinco) anos de sua fundação, foi fechado tendo suas atividades encerradas. [...]” Cf. Clube Recreativo e Beneficente 13 de Maio. *Clubes Sociais Negros do Brasil*. Disponível em: Acessado em 22/11/2013. O uso do condicional se impõe pelo fato de não termos localizado em nenhum outro local, que não neste site e em jornal bragantino (*Jornal do Meio*), informações sobre a experiência do *Club dos Escravos*. Mesmo o trabalho da historiadora Giane Vargas cita o assunto sem outras fontes que não essas.

associativismo negro bragantino, que será preenchido somente em 1934, quando da criação do **Clube Recreativo e Beneficente 13 de Maio de Bragança Paulista**. Sobre este Clube, dispõe-se de poucas informações, que ficam restritas às memórias públicas de algumas pessoas idosas¹¹, veiculadas em jornal local ou à pequena entrevista realizada por Mário A. M. da Silva, em 02/08/2013, com Izilda Toledo, 61 anos, professora aposentada, presidente da Associação Recreativa e Cultural Afro-Brasileira (ARCAB), criada em 1988, mantenedora atual do Clube 13 de Maio.

O 13 de Maio de Bragança Paulista foi, durante grande parte de sua existência, uma associação de sociabilidade e recreação. Segundo a página dos Clubes Sociais Negros do Brasil, ele foi fundado em 15 de novembro de 1934

Lania Stefanoni Ferreira (2010) tratou das relações de trabalho e das possibilidades de construção de uma identidade de classe entre operários negros no centro-oeste paulista. Ela apresenta alguns dados sobre os clubes de Rio Claro e Bauru, demonstrando a importância da carteira assinada, como trabalhadores na rede ferroviária, de especializações consideradas mais pesadas ou pouco especializadas) (maquinaria, elétrica, construção civil) para que os operários negros pudessem construir seus espaços de sociabilidade alternativos em suas cidades, onde eram discriminados.

Para os fins dessa pesquisa, decidimos partir daquelas associações já visitadas em 2013 e em 2015, pelos técnicos do Condephaat e pelos pesquisadores envolvidos na elaboração desse projeto. São elas:

Associação	Localização	Fundação
Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro	Jundiaí	1897
Sociedade Beneficente 13 de Maio	Piracicaba	1901
Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	São Carlos	1928
Clube Recreativo Beneficente 13 de Maio	Bragança Paulista	1934
Clube Recreativo Icaraiá	Bauru	1945
Centro Cultural Recreativo Benedito Carlos Machado	Campinas	1945
Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro	Sorocaba	1945

¹¹ O importante escritor e intelectual negro Oswaldo de Camargo, nascido em 1936 em Bragança Paulista, narra em seu livro de memórias uma passagem sobre a existência do Clube do Escravos em sua cidade natal, facultando a possibilidade de ter entre seus antepassados membros da entidade: “Pensando no Clube dos Escravos e atento hoje a conversas ouvidas em nossa família, chego a supor que meu bisavô, pai de meu avô Benedito Cantiliano, foi um dos que se sentaram em banco de ensino de casebre da Rua Santa Clara, quando na cidade ainda havia servidão. Benedito Cantiliano – tudo me leva a crer – tirou bom proveito dos conhecimentos que o pai recebera no Clube e que, em época absolutamente desconhecida, lhe passou.[...]Meu avô – sigo – sabia conta, lia alguma coisa, articulava ideias escarafunchando dentro, descobrindo a mais original face delas. Provável herança do ensino do pai”. Cf. Camargo, 2015: 28-29.

Sociedade Beneficente e Recreativa José do Patrocínio	Rio Claro	1948
Associação Beneficente Cultural Recreativa Tamoio	Rio Claro	1951
Sociedade Beneficente e Recreativa Princesa Isabel	Batatais	1952

Esse é, portanto, o núcleo inicial de associações com as quais pretendemos trabalhar. Além de terem sobrevivido até hoje, essas entidades possuem algumas características em comum. A maior parte desses clubes se encontra próximos das antigas estações das companhias Paulista, Noroeste ou Sorocabana. Como apontou Giane Vargas (Vargas, 2010:71-73)¹², alguns dos fundadores dos clubes negros do interior paulista eram trabalhadores negros das companhias de estradas de ferro que, discriminados em suas cidades e nos espaços de sociabilidade nelas disponíveis, resolveram criar associações próprias para si e suas famílias.

Ao mesmo tempo, as análises preliminares indicam que o associativismo negro era forte e vigente, como maneira do grupo se autodefender e se autopromover, endógena e autonomamente. Com a fundação de clubes sociais específicos, os negros idealizaram e criaram seus espaços beneficentes, assistencialistas e de sociabilidade.

Assim, o estudo das várias formas de ocupação social, das preocupações políticas e culturais, das condições sociais e das maneiras de diversão dos grupos negros permitirá examinar convergências e divergências no interior do associativismo negro e explorar com maior profundidade suas proximidades e diferenças em relação a outras associações, como as de mútuo socorro, assistencialismo beneficente, sociabilidade cultural e política dos grupos migrantes que chegaram ao estado de São Paulo a partir do século XIX (italianos, espanhóis, alemães, japoneses, portugueses, sírios, libaneses, árabes etc.).

2.2.Pesquisa Individuais

A abordagem dos diversos temas envolvidos pelo Projeto será realizada pelo cruzamento de pesquisas individuais e tarefas coletivas, que passamos a descrever.

¹² Giane Vargas menciona a variedade de profissões exercidas pelos fundadores de Clubes Sociais Negros do Brasil, “tais como operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que fundaram o Clube Palmares em Volta Redonda/RJ; os membros da marinha mercante, portuários e professores da rede pública que fundaram o Clube Estrela do Oriente de Rio Grande/RS; os foguistas e carvoeiros da Marinha Mercante, que também para brincar no carnaval de 1920, criaram o “Rancho Carnavalesco Braço é Braço”, também de Rio Grande/RS, do qual somente homens poderiam participar; os jornalistas negros do Clube Fica Ahi Pra Ir Dizendo e os alfaiates negros que brincando fundaram o Clube Chove Não Molha, ambos de Pelotas/RS; os ferroviários negros do Clube 13 de Maio de Santa Maria/RS; os policiais militares e os ferroviários que fundaram a Sociedade Floresta Montenegrina de Montenegro/RS; os médicos, advogados, engenheiros, intelectuais e artistas negros que fundaram o Renascença Clube/RJ; os trabalhadores do ramo da construção civil do Centro Cívico Cruz e Souza, de Lages/SC; os operários da Siderúrgica Belgo-Mineira, que passaram a ser os principais frequentadores do Clube Mundo Velho de Sabará/MG; os operários da Companhia Paulista de Estrada de Ferro de São Paulo, que fundaram o Clube 28 de Setembro de Jundiaí/SP”.

a) Os sentidos da associação: a ideia de associativismo e os clubes sociais negros do estado de São Paulo (1897-1952)

A ideia de associativismo político e cultural negro não parece ter sido discutida de maneira mais detida pela bibliografia consultada até o momento, como pode ser visto no levantamento deste projeto. Partindo de objetos de pesquisa empíricos (irmandades religiosas, cordões, movimentos sociais no meio negro, imprensa negra, literatura negra etc.), ela emerge como uma questão, mas não propriamente um problema central.

Quais os sentidos da associação de homens e mulheres negros na virada do século XIX para o XX? Quais as frações sociais a que pertencem esses sujeitos, suas atividades no mundo social, seus níveis de escolarização? Não se trata de algo natural – como pode sugerir a ideia de *espírito de associação*, suscitada por Arthur Ramos – tampouco apenas uma questão de *imitação* – como também aparece na revisão bibliográfica, face aos migrantes estrangeiros. Quais as possibilidades vislumbradas com uma associação em uma Sociedade Beneficente ou Clube Social, que se organize por meio de atas, de uma estrutura administrativa, com tarefas e funções práticas distintas, aparentemente, de outras formas de associação?

Além disso, a temporalidade é algo interessante. Os primeiros clubes sociais negros paulistas são muito próximos de dois eventos limites de experiência de cidadania e direitos (Abolição e República). É pertinente questionar quais os sentidos para esses cidadãos negros que esses eventos proporcionaram? A existência mesma dos clubes e sociedades é um sinal de fraturas e lacunas na plena realização dos direitos dos seus e de seus descendentes?

Os clubes mais antigos e mencionados neste projeto possuem fontes primárias interessantíssimas para análise. As atas de fundação e/ou as mais antigas à disposição em suas sedes e arquivos podem permitir, como hipótese, diferentes níveis de investigação sobre os sentidos e ideias que nortearam seus sócios fundadores ou membros mais longevos a criar aquelas Sociedades e pensarem nelas como um projeto coletivo para si e os seus. Projeto este que tem conexão com os espaços sociais em que se inserem – as cidades do interior paulista – com o tempo e o contexto do qual fazem parte – do fim do século XIX às primeiras décadas do XX – e à concretude de suas ações no tempo e no espaço, criando essas formas de associativismo negro, que podem ter interlocuções com aquelas já mais e melhor estudadas pela bibliografia conhecida. Esse é o objetivo da investigação proposta por **Mário Medeiros**, cujos resultados serão divulgados por meio de comunicações em reuniões científicas e da publicação de artigos em periódicos especializados.

b) Homenagens eletivas: os clubes negros, o movimento negro e os heróis da Abolição e da luta contra a escravidão

É comum encontrarmos na bibliografia a referência ao fato de que os nomes das associações negras fazem constante referência a datas e lideranças importantes do movimento abolicionista. Os mais frequentes são *Treze de Maio* (data da assinatura da lei da abolição), *28 de Setembro* (data da promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, e depois da Lei dos Sexagenários, em 1885), *Antônio Bento*, *Luiz Gama*, *José do Patrocínio*, entre outros. Alguns autores atribuem tais escolhas ao fato de muitas dessas associações terem sido criadas nos anos finais do século XIX, por libertos ou ex-escravos.

Esse não é o caso, entretanto, dos clubes negros do interior do Estado de São Paulo, salvo o mais antigo, criado em Jundiá em 1897. A maior parte dos clubes escolhidos para análise nesse Projeto presta homenagem direta à data da Abolição, intitulado-se *Treze de Maio*, *Flor de Maio* ou *Princesa Isabel*. Criados entre 1901 e 1952, esses clubes experimentaram diversas conjunturas em relação à história da escravidão e da abolição no Brasil. Ao longo desse período, seja do ponto de vista da historiografia, seja da intelectualidade negra, houve mudanças importantes na atribuição de significados a eventos e personagens dessa história. A mais importante, sem dúvida, é a ocorrida nos anos 1930 e 1940 com a Frente Negra Brasileira – importante marco do movimento negro na primeira metade do século XX – e com o surgimento de heróis negros “rebeldes” como Zumbi e João Cândido a partir de debates no interior das esquerdas. Teriam os clubes do interior paulista permanecidos alheios a essas discussões e alterações?

Evidentemente, uma forma de responder a essa questão seria investigar textos publicados em jornais editados por associações negras ou mesmo em periódicos de grande circulação. Essas fontes permitiriam o acesso à posição de indivíduos mais destacados: lideranças do movimento negro, intelectuais, etc. O exame das festas e de outras atividades realizadas pelos clubes negros em homenagem a personalidades ou eventos históricos pode iluminar o modo como os grupos negros, em termos coletivos e mais gerais, relacionavam-se com a memória da Abolição. Mas serão certamente as entrevistas com antigos membros desses clubes que poderão fornecer pistas importantes não apenas sobre os nomes, mas sobre os critérios de escolha dos personagens homenageados.

Assim, o cruzamento de fontes impressas, dos registros relativos às festas e homenagens e, sobretudo, das entrevistas pode revelar uma memória mais coletiva e

disseminada da Abolição entre as populações negras do interior de São Paulo. Uma memória mais ampla, mas nem por isso imutável. Por trás da reiteração dos nomes tradicionais alusivos quase sempre às mesmas datas e heróis, talvez seja possível detectar, com essa pesquisa, nuances e variações nos sentidos da Abolição e da luta contra a escravidão na experiência de homens e mulheres que se organizavam em clubes ao longo do século XX. Esse é o objetivo da investigação proposta por *Silvia Hunold Lara*, cujos resultados serão divulgados por meio de comunicações em reuniões científicas e da publicação de artigos em periódicos especializados.

c) Irmãos de cor em outros cenários: irmandades e associativismo negro em Campinas (1903-1930)

Desde a década de 1940 as irmandades negras têm sido objeto de numerosas investigações no âmbito da história e também de outras áreas das ciências sociais. Alguns temas podem ser claramente datados nestes estudos: aculturação e reação contra-aculturativa, nos anos de 1940/1950; dominação e acomodação, nos anos de 1970; resistência, sociabilidades, especialmente a partir dos anos de 1980; e, mais recentemente, os processos de formação de identidades, em particular as africanas, estão entre os mais destacados. É importante lembrar que os temas são datados justamente porque estão enraizados em contextos específicos da produção intelectual nas diferentes áreas. No elenco acima, por exemplo, vamos dos estudos influenciados pela antropologia culturalista à nova historiografia da escravidão, passando por abordagens influenciadas por determinantes estruturais aos moldes do antigo sistema colonial. (Carneiro, 1964; Scarano, 1978; Boschi, 1986)

Em termos da periodização, também é possível perceber certas tendências. O século XVIII, período áureo das irmandades em geral, e das negras em particular, em razão da centralidade destas associações leigas na manutenção do culto católico é, certamente, o mais visitado. Também a primeira metade do século XIX tem merecido atenção dos historiadores, na certa porque neste período muitas confrarias ainda se mantinham detentoras de patrimônio, prestígio e importância para a manutenção do culto católico. À medida que o Novecentos avança, os estudos se tornam mais escassos. É possível que o duro golpe impetrado pela Romanização seja o mais importante elemento explicativo para o desaparecimento de muitas associações leigas e o enfraquecimento da maioria. Antonia Quintão, além de investigar o impacto deste processo de controle na Irmandade do Rosário dos Pretos de São Paulo, também mostra a importância dos vínculos da associação com o movimento abolicionista como novos referentes na experiência da associação leiga (Quintão, 2002). Se, por um lado, essa

história de enfraquecimento e/ou desaparecimento já tenha sido reconhecida por alguns, ainda sabemos pouco sobre as sobreviventes, ou melhor, sobre as experiências que tornaram possível a manutenção da posse de igrejas, alguma autonomia na administração de seus bens e, sobretudo uma vigorosa vida associativa que, além do culto católico, organizava festas, piqueniques e bailes nas cidades de São Paulo, Sorocaba, Campinas, entre outras. Uma série de indícios sugere que a ligação estreita com novas formas associativas adotadas pela população negra ajuda a elucidar a história das irmandades negras nas primeiras décadas do século XX. Certamente este fenômeno não é exclusivo de São Paulo (Muller, 1999; Soares, 2000; Reginaldo, 2010). Entre os vários, destaca-se nesta investigação a importância da Irmandade de São Benedito de Campinas na formação da primeira experiência “moderna” do associativismo negro na cidade: a Federação Paulista dos Homens de Cor, criada em 1903 (Pereira, 2001).

O objetivo deste projeto é investigar um período pouco conhecido da história das irmandades negras, tendo como foco os vínculos, as trocas, o intercâmbio de práticas e funções e a circulação de indivíduos entre estas e as novas formas de associativismo negro. Para tanto, nosso cenário principal será a cidade de Campinas nas primeiras décadas do século XX. Por meio da investigação na imprensa e em fontes dispersas em acervos públicos e privados pretende-se rastrear trajetórias individuais e coletivas expressivas dos vínculos e trânsitos descritos acima. Desse modo, esta pesquisa também pretende contribuir para o levantamento de fontes sobre o associativismo negro na cidade de Campinas nas primeiras décadas do século XX. Esse é o objetivo da investigação proposta por **Lucilene Reginaldo**, cujos resultados serão divulgados por meio de comunicações em reuniões científicas e da publicação de artigos em periódicos especializados.

2.3.Projetos Coletivos – Procedimentos de Pesquisa

Além dos projetos individuais, a equipe envolvida no projeto e seus orientandos¹³ desenvolverão atividades coletivas destinadas a facilitar as condições de pesquisa, complementar e divulgar os resultados obtidos. São eles:

13 Tratam-se de Lívia Maria Tiede, doutoranda em História Social, supervisionada por Lucilene Reginaldo, que empreenderá a pesquisa *Associativismo negro no interior de São Paulo: da Igreja do Rosário dos Homens Pardos e Negros em fins do século XIX à Sociedade Beneficente Recreativa Princesa Isabel (1957) – Batatais/SP*; William Soares Lucindo, doutorando em História Social, supervisionado por Silvia H. Lara, com o trabalho *Festas e comemorações das associações de homens de cor do estado de São Paulo (1897-1931)*; e Pedro Picelli, graduando em Ciências Sociais, supervisionado por Mário Medeiros, com a pesquisa *Os Clubes negros em Rio Claro*.

Reconstituição e preservação digital de acervos documentais

A maior parte dos Clubes Sociais Negros visitados em 2013 e 2015-2016 mantém documentos centenários, como atas de fundação, listas de sócios e atas de reuniões, publicações, além de muitas fotografias de bailes e eventos anuais ou extraordinários, ou ainda objetos como troféus, placas, estatuetas. Cobrindo um largo arco temporal desde a virada do século XIX para o XX, essas fontes estão às vezes em estado precário de conservação e em alguns casos, encontram-se dispersas nas casas de associados mais antigos ou de seus descendentes.

Assim, para a realização das pesquisas pretendidas, uma primeira tarefa é reunir a documentação disponível, especialmente aquela que se encontra nos clubes¹⁴. Isso pode ser feito ao se conseguir o maior número de informações sobre os membros remanescentes dessas sociedades e sobre os detentores de documentos. Com isso, será possível realizar duas atividades primordiais: localizar, identificar e digitalizar a documentação disponível; e preservá-la por meio da sua reprodução digital. Não se trata apenas de preservar a história e a memória dessas entidades – algo que é, em si, uma tarefa das mais importantes –, mas também de constituir um acervo acessível aos pesquisadores, inexistente até o momento.

A identificação das fontes existentes permitirá conhecer a história das associações e até localizar novos documentos. A digitalização desse acervo, porém, permitirá sua preservação e disponibilização – elementos importantes tanto para os próprios clubes quanto para o desenvolvimento das pesquisas pretendidas. Por isso, além da produção de cópias digitais pretende-se que elas sejam depositadas em um centro universitário de documentação, no caso, o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)¹⁵.

Já foram realizadas visitas nas cidades de Campinas, Bauru, Piracicaba, Batatais, Bauru, Bragança Paulista, Jundiaí, Rio Claro, São Carlos e Sorocaba, com a finalidade de um primeiro levantamento, para que se pudesse dimensionar o volume da documentação a ser reproduzida digitalmente. Com isso pôde-se estimar os recursos humanos e materiais para realizar os trabalhos de: a) higienização e conservação dos documentos, b) reprodução digital e c) processamento documental dos acervos digitalizados. Essas três etapas contarão com a supervisão da equipe técnica do AEL e serão realizadas por uma equipe composta por bolsistas de Treinamento Técnico nível 1 e bolsistas de Treinamento Técnico 2 (durante dois anos). Dada a sua natureza, essas atividades serão desenvolvidas sob supervisão conjunta dos docentes que integram a

¹⁴ Na medida do possível, havendo documentos correlatos em arquivos locais públicos ou privados eles podem ser agregados ao conjunto.

¹⁵ Um dos principais arquivos de história e documentação de movimentos sociais do Brasil e da América Latina, sediado na Unicamp e ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: <http://www.ael.ifch.unicamp.br/> Acessado em 20/05/2016.

equipe do projeto e de técnicos do AEL, Humberto Innarelli, Castorina Augusta Madureira de Camargo e Sílvia Rosana Modena Martini.

Paralelamente, trata-se de realizar um levantamento documental em arquivos e bibliotecas locais ou estaduais para reunir dados e informações sobre as entidades selecionadas. A tarefa será realizada conforme as necessidades das pesquisas individuais, mas também de forma coletiva, em função das informações obtidas nas visitas e contatos com os membros dos clubes mencionados acima. Esse levantamento permitirá acessar as conexões e contatos entre as associações negras paulistas, abrindo-se assim o leque de entidades focalizadas pela pesquisa. Esse é o caminho escolhido para localizar as sociedades que não sobreviveram até hoje, mas que foram importantes centros de confluência e atuação para os grupos negros no Estado ao longo do século XX.

Esse trabalho será executado por uma equipe liderada pelos docentes envolvidos no Projeto, composta por alunos de graduação com bolsas de Iniciação Científica (a ser solicitada por meio do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC**). As atividades mais técnicas de preenchimento de fichas de identificação dos conjuntos documentais, elaboração de índices descritivos e preparação das fontes identificadas para digitalização ficarão a cargo dos bolsistas de Treinamento Técnico.

Tendo em vista o elenco de clubes selecionados, a previsão é de que os bolsistas de Iniciação Científica poderão se encarregar desses levantamentos documentais, focalizando as entidades em a) Batatais; b) Bragança c) Rio Claro, d) Bauru, e) Campinas, f) Sorocaba, g) Jundiaí, h) Piracicaba e i) São Carlos. A distribuição das entidades a serem focalizadas pelos bolsistas obedece a um critério geográfico, mas serão realizadas de forma simultânea, no primeiro ano de vigência do projeto, de modo a facilitar a troca de informações e a solução de problemas que normalmente surgem durante os levantamentos e a pesquisa. Ainda que cada bolsista tenha atribuições específicas, todos trabalharão em conjunto de modo a que os resultados possam ser discutidos coletivamente, contribuindo para que todos os clubes focalizados pelo projeto possam ser analisados comparativamente. Além do levantamento documental em arquivos e bibliotecas, os bolsistas acompanharão o trabalho desenvolvido pelos outros membros da equipe e serão estimulados a produzir um ensaio analítico sobre a experiência dos clubes negros no interior de São Paulo.

O planejamento das atividades e o número de bolsas foram calculados tendo em vista a dinâmica das várias tarefas a serem desenvolvidas e a proximidade geográfica das cidades que sediam os clubes negros objeto que são objeto desse Projeto.

Solicitam-se, portanto, as seguintes bolsas:

- I) 02 bolsas de Treinamento Técnico (TT 1) para Higienização e Conservação dos Acervos Documentais;
- II) 02 bolsas de Treinamento Técnico (TT 1) para Preservação Digital dos Acervos;
- III) 02 bolsas TT2 para as atividades preparatórias à digitalização dos documentos dos clubes sediados em a) Batatais, Bauru, Campinas e Sorocaba e b) Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos; e seu posterior tratamento documental;

Com atividades bem definidas e imprescindíveis para o bom andamento das pesquisas individuais e coletivas elencadas acima, essa equipe de bolsistas trabalhará em constante sintonia com todos os membros da equipe de pesquisadores do projeto. A ela poderão ser agregados outros alunos de Iniciação Científica por meio de bolsas PIBIC/UNICAMP, conforme as necessidades do projeto e o interesse dos alunos de graduação.

3. Resultados Esperados

Em se tratando de pesquisas acadêmicas, *os resultados das pesquisas individuais elencadas acima serão naturalmente divulgados em reuniões científicas e artigos a serem publicados em revistas especializadas*. Espera-se, ainda, que o projeto consiga atrair atenção para o tema, *gerando novas pesquisa e teses no âmbito dos programas de pós-graduação*. Os projetos coletivos certamente levarão à *formação de um acervo de grande interesse para essa área de estudos*, tendo também um efeito gerador de novas investigações sobre o tema.

Mas há ainda uma atividade que merece destaque, de caráter coletivo, que pretende ao mesmo tempo expor os resultados das pesquisas realizadas e atingir um público-alvo além do acadêmico, envolvendo não apenas os próprios clubistas, mas a sociedade em geral. *Trata-se da realização, no último semestre de vigência do Projeto de um seminário com duração de dois dias reunindo pesquisadores e membros dos clubes negros do interior paulista para avaliar as atividades desenvolvidas*. O objetivo é duplo: de um lado, pretende-se mostrar aos clubes estudados os resultados do Projeto e, de outro, fazer com que eles possam, mais uma vez, deixar a condição de simples objetos de estudos para participarem ativamente da avaliação dos resultados.

Tendo em vista esses objetivos, o seminário será organizado de forma um pouco diferente da usual em reuniões científicas. Ao invés de mesas com comunicações de pesquisas individuais, serão organizadas quatro mesas para discussão de temas específicos, selecionados pelos pesquisadores e membros dos clubes participantes. As

exposições serão, assim, escritas especialmente para a ocasião, reservando-se bastante tempo para o debate. Acredita-se, assim, ser possível potencializar a difusão dos esforços empreendidos ao longo do Projeto.

Pretende-se, por fim, *criar uma página na internet para o projeto*, a fim de publicizar seu andamento e resultados alcançados. A página ficará hospedada no site do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT-IFCH-Unicamp), sendo alimentada pelos dados fornecidos pelos diversos pesquisadores.

4. Cronograma de Atividades e Uso das Bolsas Solicitadas

Atividades	1 sem.	2sem.	3 sem.	4 sem
Pesquisas Individuais				
<i>Homenagens eletivas: os clubes negros, o movimento negro e os heróis da Abolição e da luta contra a escravidão</i>	X	X	X	X
<i>Os sentidos da associação: a ideia de associativismo e os clubes sociais negros do estado de São Paulo (1897-1952)</i>	X	X	X	X
<i>Irmãos de cor em outros cenários: irmandades e associativismo negro em Campinas (1903-1930)</i>	X	X	X	X
Projetos Coletivos				
<i>Reconstituição e preservação digital de acervos documentais</i>	X	X	X	X
Difusão dos Resultados				
<i>Artigos de autoria individual dos membros da equipe principal</i>		X	X	X
<i>Criação e manutenção de página na internet para divulgação do projeto</i>	X	X	X	X
<i>Seminário “Clubes Negros Paulistas em Perspectiva”</i>				X
Relatórios		X		X

Programação das Bolsas				
	1 sem.	2 sem.	3 sem.	4 sem.
<i>Bolsa de IC/PIBIC - Fontes para a história dos clubes negros em Batatais, Bauru, Campinas e Sorocaba</i>		X	X	X
<i>Bolsa de IC/PIBIC - Fontes para a história dos clubes negros em Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos</i>		X	X	X
<i>Bolsa IC/PIBIC (1) - Acervo de História Oral: Batatais, Bauru, Campinas, Sorocaba, Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos</i>		X	X	X
<i>Bolsa TT1 (1) - Higienização e Conservação dos acervos documentais: Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos</i>	X	X	X	X
<i>Bolsa TT1(2) - Higienização e Conservação dos acervos documentais: Batatais, Bauru, Campinas e Sorocaba</i>	X	X	X	X
<i>Bolsa TT1 (1) - Preservação Digital dos acervos: Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos</i>	X	X	X	X
<i>Bolsa TT1 (2) - Preservação Digital dos acervos: Batatais, Bauru, Campinas e Sorocaba</i>	X	X	X	X
<i>Bolsa TT2 (1) - Processamento documental dos acervos digitais: Bragança, Jundiá, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos</i>	X	X	X	X
<i>Bolsa TT2 (2) - Processamento documental dos acervos digitais: Batatais, Bauru, Campinas e Sorocaba</i>	X	X	X	X

5. Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra n Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARANTES, Erika Bastos. *O porto negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, 2005.
- BATALHA, Cláudio. Limites da liberdade, trabalhadores, relações de trabalho e cidadania durante a Primeira República. In: COLE LIBBY, Douglas; FERREIRA FURTADO, Júnia (Ed.) *Trabalho livre, trabalho escravo*. São Paulo: Annablume, 2006. p.97-112.
- AGUIAR, Márcio Macedula. *As organizações negras em São Carlos: política e identidade cultural*. Dissertação [Mestrado].São Carlos: UFSCar, 1998;
- _____. Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos – SP. *Interações*, vol. 2, n.2, pp. 91-105, 2007.
- ALMEIDA, Aluisio de. *Sorocaba: 3 séculos de história*. Itu: Ottoni, 2002.
- ALMEIDA, Luiz. *Estivadores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- ANDRADE, Mário de. O Samba Rural Paulista. *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLI, ano IV, novembro, 1937.
- Andrews, George R. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estados do Livro, 1975
- _____. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1994.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branco e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre os aspectos de formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 4ª. ed., [1955] 2008.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973
- BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política, 2010

- BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder*. Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais, SP: Ática, 1986.
- BRITTO, Iêda M. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.
- CAMARGO, Oswaldo de. *Raiz de um negro brasileiro: esboço autobiográfico*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.
- CARNEIRO, Edison. *Ladinos e Crioulos*. Estudos sobre o Negro no Brasil. RJ: Civilização Brasileira, 1964.
- CAVALHEIRO, Carlos C. Considerações sobre o etnocentrismo e o preconceito em Sorocaba e Médio Tietê. *Revista Histórica*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, vol.21, abril/maio, 2007. Disponível em: Acessado em 02/12/2013.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 1.ed. 1986. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COSTA PINTO, Luiz de A. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª. ed., [1953]1998.
- CRUZ, Maria Cecília Velasco. Cor, etnicidade e formação de classe no porto do Rio de Janeiro. *Revista da USP*, n.68, p.188-209, 2006;
- _____. Da tutela ao contrato: “homens de cor” brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição. *Topoi*, v.11, n.20, p.114-135, 2010.
- DOMINGUES, Petrônio. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. Tese [Doutorado]. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.
- _____. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2004
- DUARTE, Paulo. Negros do Brasil. *O Estado de São Paulo*, 16 e 17 de abril de 1947.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. São Paulo: Ática, 3ª. ed., vol.2, [1965]1978.
- FERRARA, Miriam N. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.
- FERREIRA, Lania Stefanoni. *Entroncamento entre raça e classe: ferroviários no centro-oeste paulista, 1930-1970*. Campinas: IFCH/Unicamp. Tese[Doutorado], 2010.
- FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade*. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2006.
- GELER, Lea. *Andares negros, caminos blancos: Afroporteños, Estado y Nación Argentina a fines del siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones; TEIAA, 2010.

- GOMES, Fabrício Romani. *Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- GOMES, Janaína D. *Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese [Doutorado]. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.
- GORTÁZAR, Alejandro. La “Sociedad de Color” en el papel: La Conservación y El Progresista, dos semanarios de los afro-uruguayos. *Revista Iberoamericana*, v. LXXII, n. 214, jan.-mar. 2006, p. 109-123.
- LARA, Silvia Hunold. “Blowin’ in the Wind: E.P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. Projeto História. *Projeto História*, São Paulo (12), out. 1995: pp. 43-56.
- _____. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil”. *Projeto História*, São Paulo, (16), fev. 1998. pp. 25-38.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: mobilização e organização em pelotas: 1888-1937*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Doutorado em Sociologia, Porto Alegre, 1999.
- MACIEL, Cleber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1921)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.
- MARIA, Maria das Graças. *Imagens invisíveis de Áfricas presentes: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado), 1997.
- MARQUES, Jairo. Clubes Negros. *Folha de São Paulo*, 25 de maio de 2014. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/167660-clubes-negros.shtm. Acessado em 23/03/2017.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio. Os significados da liberdade do Sudeste Escravista, Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- MOURA, Clóvis. Organizações Negras. In: Singer, Paul e Brant, Vinicius C. (orgs). *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Cebrap, 1983, pp. 143-175.
- MULLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre, 1889-1920*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

- NASCIMENTO, Abdias do. *O Negro Revoltado*. Rio de Janeiro: GRD, 1968.
- OLIVEIRA, José F. e TERCI, Eliana T. A fala, o texto e a imagem negra na região de Piracicaba: a Sociedade Beneficente 13 de Maio. *A fala, o texto e a imagem negra na região de Piracicaba*. Piracicaba: Unimep, 1991
- ORSI, Bernadete. *Clube 13 de Maio: um estudo sobre um território negro na área urbana de Tijucas*. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação, Relações Raciais e Multiculturalismo) Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 1999.
- PEREIRA, José Galdino. Os negros e a construção da sua cidadania: estudo do Colégio São Benedito e da Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas (1896-1914). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. “Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República”. *Tempo (Niterói. Online)*, v. 19, p. 97-116, 2013.
- PIGNOT, Elsa. “El asociacionismo negro en Cuba: una vía de integración en la sociedad republicana (1920-1960).” *Revista de Indias*, vol. 70, n. 250 (2010): 837-862. Disponível em: Acessado em 28 de maio de 2016.
- PINTO, Ana Flávia M. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese [Doutorado]. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- QUINTÃO, Antonia Aparecida. Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (São Paulo:1870-1890). São Paulo: Annablume, 2002.
- RAMOS, Arthur. O espírito associativo do negro brasileiro. São Paulo, *Revista do Arquivo Municipal*, 1938
- REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de Africanos e crioulos na Bahia Setecentista*. São Paulo: Alameda, 2010.
- ROSA, Júlio César. *Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no Sul de Santa Catarina (1903-1950)*. (Dissertação de Mestrado em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.
- SANTOS, Carlos J. F. dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.

- SCARANO, Julita. *Devoção e escravidão*. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaço para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. Dissertação (Mestrado em História). – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestrado em História, Porto alegre, 2011.
- SILVA, Joselina da. *Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube de negros no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. “União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50”. In *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 215/2-236, 2003.
- _____. Jornal SINBA: a África na construção identitária brasileira dos anos 1970. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). *O Movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. 1ed. Belo Horizonte, MG: Nandyala, 2009, v. , p. 184-205.
- SILVA, Lúcia Helena de Oliveira. *Construindo uma nova vida: migrantes paulistas afro-descendentes na cidade do Rio de Janeiro no pos-abolição (1888-1926)*. Tese de Doutorado em História. Campinas: IFCH/Unicamp, 2001.
- SILVA, Mário A. M. da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da Silva; UNGARETTI Adda Alessandra Piva; CAPORRINO, Amanda Walter. *Parecer Técnico GEI no. 272-2013 – Clubes Sociais Negros de São Paulo*. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Centro de Documentação da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico, Processo Condephaat 01097/2011, 2013.
- SILVEIRA, Janaina Nailde da. *Nos Bailes da Vida: Sociedade Sebastião Lucas – Espaço de sociabilidade dos afro-descendentes em Itajaí*. Monografia (graduação em história). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2000.
- SIMIANO, Mariléia. *Sociedade Recreativa União Operária: Um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma nos 1940-1960*. Monografia (Especialização em história). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2002.

- SKOCPOL, Theda et. alli. *What a mighty power we can be: african american fraternal groups and the struggle for racial equality*. Princeton, NJ ; Oxford, U.K. : Princeton University Press, 2006.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- SOARES, Reinaldo da Silva. *Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra*. Tese [Doutorado]. São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- TIEDE, Livia Maria. *Imprensa e sociabilidade negras em São Paulo no início do século XX*. Monografia de Bacharelado em História: Campinas: IFCH/Unicamp, 2003.
- _____. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: IFCH/Unicamp, 2006.
- VARGAS, Giane. *Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. Dissertação [Mestrado] Santa Maria: UFSM, 2010.
- VON SIMSON, Olga R. de M. *Carnaval em Branco & Negro: carnaval popular paulistano 1914-1988*. Campinas: Ed. Unicamp, São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado, 2007.